

FACULDADE DE TECNOLOGIA E CIÊNCIAS DO ALTO PARANAÍBA - FATAP

ADEMAR BOGO

**CONHECE-TE A TI MESMO: RELAÇÕES METÓDICAS EM
SÓCRATES E FREUD**

VITÓRIA
2020

ADEMAR BOGO

CONHECE-TE A TI MESMO: RELAÇÕES METÓDICAS EM SÓCRATES E FREUD

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito de aprovação para a obtenção do título de Especialista em Psicanálise clínica da FATAP .

Orientador: Prof. Dr. Waldecir Manoel Francisco Santos.

VITÓRIA
2020

RESUMO

Este artigo tem por objetivo aprofundar sob à luz da teoria filosófica e psicanalítica, as interações existentes entre o método socrático (*maieutica*) e freudiano (associação livre), aplicados aqui na análise do princípio inscrito no portal do Oráculo de Delfos, “Conhece-te a ti mesmo”. Buscamos referências nas obras de Platão (2000 e 2001), as quais remetem aos diálogos de Sócrates com Diontina de Mantinea sobre o amor, o belo e o bom; e, Freud (2006), nos diversos volumes das obras completas, além de reportar-se seguidamente aos mitos também expõe os fundamentos psicanalíticos para chegar ao inconsciente que leva o indivíduo ao conhecimento sobre si mesmo. O estudo possui natureza bibliográfica e a conclusão alcançada é de que, existem aproximações teóricas entre a Filosofia e a Psicanálise e seus respectivos métodos, que permitem, com o uso adequado, ao sujeito da análise conhecer-se a si mesmo.

Palavras chave: Filosofia. Psicanálise. Método. Conhecimento.

1 INTRODUÇÃO

Buscamos neste estudo, inspirado no princípio inscrito na entrada do Templo de Delfos, “Conhece-te a ti mesmo”, situado na Grécia Antiga, no século IV a. C, investigar as relações existentes entre a operacionalidade dos métodos, socrático (*maieutica*), e freudiano (associação livre), em vista de detectarmos as interações entre o sistema “consciente” e o “inconsciente”, presentes no sujeito da análise.

Partimos da suspeita de que há uma proximidade estreita entre a “*maieutica*” de Sócrates com o método da “associação livre” de Freud, basicamente quando observamos que os procedimentos dialógicos buscam “extrair de dentro” de cada indivíduo, o entendimento das causas, dúvidas, dilemas e significados elaborados pelo sujeito da análise.

Veremos neste estudo que, além das aproximações metodológicas existentes nas elaborações de Sócrates e Freud, os dilemas e dificuldades pessoais para afirmarem os seus conhecimentos, também se identificam.

Em relação a Sócrates, o lema inscrito na entrada do oráculo de Delfos, “Conhece-te a ti mesmo”, chamava a atenção daqueles que fossem consultar o oráculo, como fizera Xenofonte, no ano de 440 a.C, que, por curiosidade perguntou à sacerdotisa Apythia, “se havia na Grécia alguém mais sábio do que Sócrates?”. A

resposta recebida foi que: “Sábio é Sófocles, mais sábio é Eurípedes, mas, entre todos os homens, Sócrates é sapientíssimo” (PLATÃO, 2000, p. 46).

Diante da revelação do oráculo, Sócrates teria dito: “Não acredito saber aquilo que não sei” (PLATÃO, 2000, p. 47); e, tendo ao seu redor, sofistas, artistas, oradores, políticos e artesãos, propôs-se a comprovar, fazendo uso da *maiêutica*, seu método de confrontação. Após dialogar com os seus oponentes concluiu que todos estavam na mesma condição de ignorância com aquilo que não sabiam. Envergonhados com a própria inferioridade intelectual, formularam, posteriormente, diferentes acusações contra Sócrates que o condenaram à morte.

Por sua vez, Freud, ao concluir o curso de medicina, aos 25 anos de idade, como descendente de judeus, sofreu intensas perseguições da corrente anti-semita na Universidade de Viena, onde foi nomeado professor de Neuropatologia e ali começou a estudar as doenças nervosas. Logo no início de seus estudos, em um artigo titulado de, “*Algumas considerações para um estudo comparativo das paralisias motoras orgânicas e histéricas*”, revelou que a preocupação com o conhecimento corporal físico deveria ser tão importante quanto o conhecimento dos aspectos psíquicos e apontou que a paralisia histérica, diferentemente das outras, tinha o poder de fazer aparecer sintomas fracionados em qualquer lugar do corpo. Com isso Freud deu o primeiro passo para a posterior formulação do método da “associação livre”, que possibilitaria o indivíduo “conhecer-se a si mesmo”.

Comparativamente, se a maiêutica socrática propiciava a *catarse*, como “uma purificação da alma por via da expulsão das ideias turvas, das ilusões e dos equívocos que distanciavam a alma de si mesma” (PESSANHA, 1987, p.28); a mesma *catarse*, no início dos estudos de Freud e Breuer, levou a constituir o método de tratamento “*catártico*”, no uso da hipnose, mas que, posteriormente, fora substituído habilmente pelo método da “associação livre”.

2 OS DILEMAS EXISTENCIAIS DE SÓCRATES

Sócrates, nada tendo encontrado de significativo, no diálogo com seus opositores e, por falta de elementos para proceder à própria análise, cessou a procura de suas dúvidas até que a sacerdotisa, Diontina de Mantineia, ao visitar Atenas, em

440 a. C., mesmo ano da revelação do oráculo, serviu-lhe como “analista” para ajudá-lo a conhecer-se a si mesmo.

No livro, “O banquete” de Platão, Sócrates relatou aos amigos como fluíra a conversação com Diontina que o surpreendera com a discordância, após ele ter afirmado que Eros parecia ser grande divindade e uma das mais belas coisas que existiam. “Ela não tardou, porém em convencer-me justamente do contrário” (PLATÃO, 2000, p. 141).

Quis então saber Sócrates, quem era Eros? Belo, feio ou mau? Obteve como resposta que, nem tudo aquilo que não é belo é feio e nem o que não é sábio é parvo, porque há sempre o meio-termo. Ao afirmar Sócrates que, “toda gente concorda que Eros é um grande deus”, recebeu de volta os questionamentos típicos da análise em Psicanálise: “Que queres dizer com “toda a gente”? Todos os ignorantes, ou todos os sábios”? Sócrates manteve a generalidade: “Todos, tanto uns como outros” (PLATÃO, 2000, p. 142).

Ao perceber que Sócrates mantinha-se escudado nas generalidades, a sacerdotisa investiu na particularização dos aspectos mais interessantes e formulou a nova pergunta, se poderiam as pessoas afirmarem que Eros não era deus? Então foi a vez de Sócrates cobrar a precisão: “Que pessoas?”, perguntou ele, recebendo como resposta: “você e eu...” (PLATÃO, 2000, 142).

Na resposta escondia-se o dilema do “eu” desconhecido que remetia ao sofrimento de causas desconhecidas. Segundo nos revela astuciosamente Nietzsche, “Sócrates pertencia ao povo mais baixo: Sócrates era plebe. Sabe-se e inclusive ainda se pode ver quão feio ele era. Mas a feiúra, em si mesma uma objeção, entre os gregos é quase uma refutação” (NIETZSCHE, 2014, p. 17). Também insinuou que Sócrates não era propriamente um grego, mas fruto de um cruzamento, por isso era “*Monstrum in animo*” (Monstro de alma). Seria então a falta de beleza física um problema para Sócrates?

Podemos verificar que, sustentando o comando do diálogo, a sacerdotisa, que já havia tornado mais precisas as pessoas que poderiam considerar que Eros não era deus, Sócrates sentiu-se incomodado porque ela o estava desvendando interiormente, então, defendeu-se, querendo saber como ela podia afirmar aquilo? Diontina, com toda a confiança, respondeu: “Facilmente. Responde-me, não pensas que os deuses são felizes e belos? Ou terá a ousadia de afirmar que nenhum dos deuses é belo e feliz?” (PLATÃO, 2000, p. 142).

Belo e feliz, duas dimensões da subjetividade que, provavelmente Sócrates, embora tivesse a convicção de ser mais sábio do que os sábios, carecia de alguma satisfação analítica para aceitar-se como tal. De seu casamento, não há dúvidas de que não era feliz com Xantipa, sua esposa. Na opinião dos amigos, era “a mulher mais insuportável que jamais viveu e jamais viverá” (WEISCHEDEL, 1999, p. 35).

Sócrates, pouco ficava em casa e viva a filosofar com os amigos, comportando-se com imensa humildade. Segundo Alcebiades, na guerra de *Potidea*, embora tivesse sido condecorado, Sócrates o salvara quando caíra ferido e, por isso exigiu dos generais que o condecorassem também, mas, quando os generais, levando em conta a posição de Alcebiades, decidiram outorgar-lhe o prêmio; assim relatou o homenageado: “Tu próprio insististe, mais do que eles, para que o dessem a mim e não a ti” (PLATÃO, 2000, p. 170).

Se as provações matrimônias, bélicas e sociais o faziam feliz, é pouco provável que se venha a saber. Se ele não se considerava sábio muito menos se via como um semideus, como acontecia com Eros. Mas tinha a *maiêutica*. Nietzsche foi enfático quando considerou que Sócrates “defendia-se” com o uso da dialética. “Com Sócrates, o gosto grego se modifica em favor da dialética...” (2014, p. 19).

A *maiêutica* era, por assim dizer, a maneira mais sutil de realizar a análise do conhecimento de cada indivíduo. Por meio da reflexão dialética, Sócrates imitava o trabalho do parto feito por sua mãe, Fenareta, que exercia a profissão de parteira, de onde veio a denominação daquele método: “*maiêutica*”, na ocasião da “análise”, apropriado por Diontina.

Após ser perguntado por Diontina, sobre quem eram os indivíduos felizes? Sócrates confirmou que eram aqueles que possuíam o “bom e o belo”. Nesse caso, ninguém poderia ser “deus” ou superior aos demais seres, se não tivesse parte com o “bom e com o belo”. Abaixo dos deuses, primeiramente, estavam os gênios que possuíam a função de transmitir aos deuses aquilo que vinha dos homens, e o que vinha dos deuses, aos homens; era o que fazia Eros. Por isso, o gênio era um meio termo: mortal e imortal. Um semideus.

Era a origem de Eros que Sócrates queria compreender. “Quem é o pai e quem é a mãe?”. Diontina, em busca da “transferência” apelou para o recurso da narrativa histórica.

Explicou ela que, no dia do nascimento de Afrodite, Eros foi concebido. Os deuses deram um banquete e, Penia (a pobreza) aproximou-se mendigando sobras.

Quando Poros (encarnação da riqueza) embriagado adormeceu no jardim de Zeus. Penia deitando-se ao lado de Poros concebeu Eros. Após o nascimento Eros seguiu a natureza de sua mãe: "... é rude, é sujo, anda descalço, não tem lar, dorme no chão duro, junto aos umbrais das portas, ou nas ruas, sem leito nem conforto (PLATÃO, 2000, p. 144). Características também encontradas em Sócrates.

Por parte de pai, Eros havia herdado a capacidade para tudo o que era belo e gracioso. Possuía bravura, era audaz e exímio caçador. Estava sempre a maquirar artimanhas e em busca de adquirir conhecimentos filosóficos durante toda a sua vida; era também um grande "enfeitiçador". No entanto, pela herança paterna, tinha em si o poder do renascimento sempre quando tivesse sorte. Sendo assim, nunca encontrou-se em completo estado de miséria nem de opulência.

Confirmou ainda *Diontina*, que Eros oscilava entre a sabedoria e a tolice. Por esse motivo, nenhum dos deuses exercia a Filosofia ou deseja ser sábio porque já o eram por natureza. Aqui parece residir a essência do princípio do "Conhece-te a ti mesmo", quando Diontina declara que, "Quem é sábio não filosofa; não filosofa nem deseja ser sábio, também, quem é tolo..." (PLATÃO, 2000, p. 145). Ou seja, ninguém deseja ser o que já é, seja sábio ou tolo. Sempre desejamos ser o que ainda não somos. Sócrates não se considerava "sábio" no grau máximo, também sabia de sua ignorância, por isso não era "tolo", mas era filósofo, ou amigo do conhecimento. Sentiu naquelas palavras que algo lhe era incômodo.

Sócrates ao perceber a sua comparação com Eros buscou saber quem era Ele? E interpelou Diontina. : "Diz-me quais são os que filosofam, uma vez que não o fazem nem os sábios nem os tolos?" (2000, p. 145). A resposta foi direta: "Até uma criança, caro Sócrates, seria capaz de saber que filosofam justamente aqueles que estão entre uns e outros, e que desses faz parte Eros". (2000, p. 145). Conforme já havia revelado, Eros era um "semideus", filho de Poros e de Penia, a mendiga; um "gênio", igual, e um pouco acima dos homens, mas, não tão sábio quanto os deuses.

Poderia estar aí a analogia entre Eros e Sócrates, em termos familiares e na conduta social? Sofronisco, o pai, escultor e decorador, "sábio", voltado para o ofício da produção da beleza e, a mãe, Fenareta, parteira, executora de atividades práticas, (tola), sem formação intelectual, como Penia a mãe de Eros. Estaria Sócrates, fisicamente, tão distante do belo artístico de seu pai, apesar de ter tido na infância a iniciação no ofício e, acima da habilidade de sua mãe, de fazer qualquer indivíduo pôr para fora, como um feto, o próprio conhecimento?

Ao dizer que aquela era “a natureza do gênio”, Diontina dirigiu-se a Sócrates com certa ironia, dizendo não se admirar por ele ter errado ao emitir a opinião e considerar o objeto amado como Eros, e ignorado o sujeito que ama. Ou seja, esquecido de si mesmo. “Por isso, creio, foi que Eros te pareceu incomensuravelmente belo” (PLATÃO, 2000, p. 146).

Diontina propôs-se a ir um pouco mais à frente e recolocou o problema, simplificando a natureza de Eros como sendo “o amor do belo”. Instigou com a pergunta: “o que deseja quem ama o belo?” Sócrates respondeu que, “deseja possuir o belo”. Recebeu em troca a pergunta; “E o que possuirá quem possui o belo?” Sócrates mostrou-se incapaz de responder, porque não se considerava belo. Ela substituiu os termos da pergunta: “Se ao invés do belo disséssemos “bom” e perguntássemos: diz-me, o que deseja quem ama o que é bom?” Sócrates deu a mesma resposta: “Possuí-lo”. Ela o interpelou novamente: “E que é que tem quem possui o que é bom?”. Sócrates respondeu: “Eu diria que essa pessoa se torna feliz” (PLATÃO, 2000, p. 146).

Se havia em Sócrates alguma neurose relacionada com a beleza, da qual ele não se sentia portador, a resistência fora rompida e, por elaboração o belo viria a ser convertido em “bom”. Para ser bom, não importa a beleza ou a feiúra. Com esse entendimento, Sócrates voltaria também a apaziguar-se em relação aos próprios pais. Sendo o pai um artista, como Poros, primava pelo “belo”; a mãe uma parteira, primava pelo “bom”, Sócrates, pela prática do “bom” identificava-se com a mãe e, situava-se como Eros entre os deuses e os tolos. O bom compunha o método de agir que, por meio da *maieutica* orientava o processo do vir a ser daquilo que já era inconscientemente, mas não manifestamente. E, a felicidade, amparava-se na conclusão expressa por Diontina: “Exatamente; é pela aquisição do que é bom que os felizes são felizes” (PLATÃO, 2000, p. 146). Sócrates encontrava assim o caminho para ressignificar a feiúra física, convertendo o belo em bom. Não era belo, mas era bom, disso tinha certeza.

Dessa primeira “*catarse*” surge duas conclusões interligadas: a que dimensionou que a felicidade é a “conquista do bom” e, a outra que respondeu a dúvida sobre o que é o amor, revelando que “ele é o desejo de possuir o bom”. Faltava ainda responder a questão, de qual era a relação entre o amor e o belo?

A sacerdotisa iniciou as ponderações pelos desejos humanos da procriação, segundo os interesses do corpo e do espírito, que acontece por meio da atração pelo

belo. “O feio está em completa desarmonia com o que é divino; o belo, ao contrário, se harmoniza com o divino” (PLATÃO, 2000, p. 149).

Com a certeza de que havia tocado no ponto fulcral da relação entre a beleza no espírito criador e na feiúra incrustada no corpo físico de Sócrates, Diontina assegurou que, “É por isso que ama o belo aquele que anseia procriar e está cheio de desejos: porque o belo o liberta de uma grande dor” (PLATÃO, 2000, p. 149). Logo, o amor não é o belo nem o desejo de ter o belo, mas o desejo de criar do belo.

O desejo da “procriação”, evidentemente, está no espírito e possui uma duplicidade de desejos: o de criar o belo e também de tornar-se imortal. A sacerdotisa preparou o desfecho da relação entre o amor e o belo dizendo que, há aqueles que pensam eternizarem-se e realizam o desejo de amar por meio da fecundidade no corpo e, há outros que desejam procriar pela fecundidade do espírito, pois desejam mais com a alma do que com o corpo. A “*catarse*” agora consistiu no alcance do entendimento que, não temos o belo, criamos o belo.

Naquela altura da vida, Sócrates já havia amadurecido e procriado três filhos (Lâmpocles, Sofronisco e Menéxenes) e, se havia ainda qualquer preocupação com a beleza física, conscientemente poderia já não lhe ser mais um problema. Demonstrou pela análise de si mesmo, que a beleza de sua alma, amada por ele, era superior a beleza de seu corpo.

3 A MAIÊUTICA E A ASSOCIAÇÃO LIVRE

Se Sócrates, por falta de conhecimentos psicanalíticos enfrentou certas dificuldades para desvendar os “segredos” da personalidade, Freud, por sua vez, tinha domínio sobre os aspectos literários e filosóficos, principalmente, no que diz respeito aos mitos, pois, os utilizava como o fez, por exemplo, na descrição da formação da estrutura comportamental e a existência do “complexo de Édipo”; ou quando tratou da libido, dizendo que o núcleo do que queremos significar por amor consiste naturalmente no amor sexual, com a união sexual como objetivo, por isso, “em sua origem, função e relação com o amor sexual, o ‘Eros’ do filósofo Platão coincide exatamente com a força amorosa, a libido da psicanálise...” (FREUD, 2006, Vol, XVIII, p.102).

Aquilo que Sócrates definira como “alma” e que somente por meio da *maieutica* podia ser conhecido o que lá estivesse; Freud denominaria mais tarde de inconsciente, e que, o modo das ideias lá existentes antes de se tornarem conscientes “é chamado por nós de repressão, e asseveramos que a força que instituiu a repressão e a mantém é percebida como *resistência* durante o trabalho da análise” (FREUD, Vol. XIX, 2002, p. 28).

A gênese, portanto, do método socrático, a “*maieutica*”, como a realização de um parto, ocorria também com o conhecimento; precisava ajudar a “tirar de dentro” pela força da fala o que fora produzido pelo próprio sujeito. Conforme Platão, Sócrates esclareceu a Teeteto que se mostrava incomodado com a dificuldade de chegar a uma conclusão satisfatória sobre si mesmo, recebendo como conselho, que “São as dores do parto, meu caro Teeteto. Não está vazio; algo em tua alma deseja ver a luz” (PLATÃO, 2019, p. 8). O método da “terapia analítica”, em contrapartida ao tratamento hipnótico, para Freud, não pretendia acrescentar nem introduzir nada, “... mas antes tirar, trazer para fora, e para esse fim, preocupar-se com a gênese dos sintomas patológicos e, com a trama psíquica, da ideia patogênica, cuja eliminação é a meta” (FREUD, (2006, Vol. VII, p. 247).

Se a *maieutica* teve origem na prática da parteira Fenareta, a gênese do termo “Psicanálise” como também o método da “associação livre”, conforme relatou o próprio Freud, no artigo de 1914, “*A História da psicanálise*”, teria sido usado por ele pela primeira vez, em 1909, em uma conferência proferida nos Estados Unidos da América. Os méritos das descobertas, atribuídos ao fisiologista Dr. Breuer, consistiram no fato de identificar nos pacientes os sintomas de histeria, baseados em causas do passado que lhes causavam traumas. A terapêutica conduzia o paciente a lembrar e a reproduzir as experiências por meio da *hipnose*. “Conduzíamos a atenção do paciente diretamente para a cena traumática na qual o sintoma surgira e nos esforçávamos por descobrir o conflito mental envolvido naquela cena, e por liberar a emoção nela reprimida” (2006, Vol. XIV, p.20).

Por meio desse trabalho Freud descobriu o processo mental, característico das neuroses, que chamou de “regressão”. No entanto, percebeu que as associações do paciente retrocediam às experiências cada vez mais antigas, indo à puberdade e à infância, mas que permaneciam inacessíveis a qualquer espécie de exploração. O

grande salto metodológico dado por Freud em seus estudos foi a descoberta da influência da significação da sexualidade na etiologia das neuroses.¹

Freud confirmou que, “A teoria da repressão é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (2006, Vol. XIV, p. 26). E concluiu que, por meio da análise poderia observar, quantas vezes quisesse, o que não se podia fazê-lo com a prática da *hipnose*, pelo fato de que ela ocultava as resistências.

Após discorrer sobre a “hipótese da sexualidade infantil”, ou os traumas sexuais ocasionados na infância, encobertos pelas fantasias autoeróticas que poderiam vir à luz por meio da análise da vida sexual da criança, Freud dedicou-se a expor sobre a “interpretação dos sonhos”, sendo para ele, ao mesmo tempo, um alívio e um apoio nos primeiros anos da prática da análise psicanalítica.

No entanto, como ocorrera com Sócrates, Freud deu-se conta de que, para “conhecer-se a si mesmo”, teria de levar a cabo a análise e a autoanálise, seguindo a interpretação dos próprios sonhos. Na carta de número 70, de 3 e 4 de outubro de 1897, Freud revelou ao amigo e também médico, Wilhelm Fliess, que algo interessante estava ocorrendo em seu interior devido as indicações extraídas da interpretação dos sonhos que, apesar de sentir a sensação de ter chegado ao fim, sabia onde era que o sonho na próxima noite iria retornar. Após dizer que era difícil descrever o que sentia, revelou Freud na carta que.

Só posso dizer resumidamente que *der Alte* [meu pai] não deve ter papel ativo no meu caso, a partir de mim mesmo; que o “originador primordial” [de meus problemas] foi uma mulher feia e velha,² mas esperta, que me contou uma porção de coisas a respeito de Deus todo-poderoso e do inferno e que me deu uma opinião elevada acerca das minhas próprias capacidades; que mais tarde (entre dois e dois anos e meio de idade) minha libido foi despertada para a *matrem*, isto é, por ocasião de uma viagem com ela de Leipzig a Viena, durante a qual devemos ter passado a noite juntos e devo ter tido a oportunidade de vê-la *nudam* (2006, Vol. I, p. 312).

O princípio atormentador de Sócrates, “Conhece-te a ti mesmo”, aparentemente, era também aquilo que atormentava Freud. Os adjetivos, “feia” e “velha” são colocados por ele também como “problemas”. Os sonhos, segundo os

¹ Freud declara profundo respeito por três pessoas que com elas conviveu: Breuer, Charcot e Chrobak, este último, era o ginecologista da universidade de Viena., formado no ano de 1866.

² Em nota, o editor destaca que essa mulher era a babá de Freud e, ele mesmo confirma ser, na carta 71 de 15 de outubro de 1897, quando diz: “Perguntei a minha mãe se ela ainda se recordava da babá”.

relatos, iriam recontar e reelaborar a História pessoal, que o “complexo de Édipo” havia provocado e estava latente, conforme revelou na carta 71: “Verifiquei, também no meu caso, a paixão pela mãe e o ciúme do pai, e agora considero isso como um evento universal do início da infância...” (FREUD, 2006, Vol. I, p. 316).

Apesar da valorização e das profundas descobertas conseguidas através da auto-análise, Freud deu-se conta dela possuir alguns limites, como revelou na carta 75, escrita no dia 31 de outubro, no mesmo ano de 1897. Assim destacou ele:

Minha auto-análise ainda está interrompida, e compreendi qual a razão. Só consigo analisar-me com o auxílio do conhecimento adquirido objetivamente (como um observador externo). A verdadeira auto-análise é impossível, não fosse assim, não haveria nenhuma doença [neurótica]” (2006, Vol. I. p. 322).

Por essa afirmação podemos deduzir que Freud chegou à mesma conclusão alcançada por Sócrates, a de que todos “precisamos de uma *Deontina*” como analista, para que, por meio da fala e da escuta, a rememoração possa acontecer.

Comparativamente percebemos que há semelhança entre os dois estudiosos na vida e nos métodos da rememoração para conhecerem a si mesmos. Sócrates buscou nos homens mais sábios de Atenas, o espelho para superar a dúvida criada pelo oráculo de que ele era “o homem mais sábio de toda a Grécia” e, quanto mais procurou no diálogo com os “sábios”, mais sentiu que eles eram inferiores e, o que conseguiu foi despertar o ódio e o desprezo de seus interlocutores. No entanto, as suas dúvidas sobre o amor, o belo e o bom, somente serão esclarecidas no diálogo com Diontina de Mantinea. Freud descreveu que, de início sacrificara a sua crescente popularidade como médico para investigar mais demoradamente os fatores sexuais como causadores das neuroses. Esperançoso em obter apoio, chegou ir a uma reunião da *Sociedade de Psiquiatria e Neurologia de Viena*, no intuito de contribuir e ver recompensadas as suas perdas financeiras, mas, o que obteve foi o silêncio, o vazio e as insinuações de que, o papel da sexualidade não deveria constar da etiologia das neuroses. “Compreendi que daquele momento em diante eu passara a fazer parte do grupo daqueles que “perturbam o sono do mundo” (FREUD, 2006, Vol. XIV, p. 31).

Sobre a semelhança entre os métodos utilizados por Sócrates e Freud, é pertinente considerar a importância da presença da dialética. Para Sócrates, a

maiêutica conduzia corretamente o diálogo para alcançar o sucesso no processo de revelação do conhecimento. A dialética, ou *dialegein*, para os gregos, significava a maneira prática de estabelecer o diálogo entre dois interlocutores. Platão nos diz no livro, “*A república*” que:

O método da dialética é o único que procede, por meio da destruição de hipóteses, a caminho do autêntico princípio, a fim de tornar seguros os seus resultados, e que realmente arrasta aos poucos os olhos da alma da espécie de lodo em que está atolada e eleva-os às alturas... (2010, p.230, livro VII, 533 d).

Por outro lado, o que seria a prática da psicanálise criada e implementada por Freud, se não fosse à aplicação também da dialética, ou seja, se o analisando não colocasse as suas preocupações por meio da fala e, o analista “destruísse” as hipóteses de forma inteligente e, muitas vezes, desconcertantes?

Sem considerar que na psicanálise de Freud exista a ilusão da “teoria da reminiscência”, inatista, conforme a descreveu Platão (2010) no “Mito de Er”³, não há como não identificar que existem semelhanças entre os métodos que acessam as informações “sabidas”, no pré-consciente (Sócrates) e no inconsciente (Freud), por meio da rememoração. No artigo publicado em 1913, com o título, “*Sobre o início do tratamento (novas recomendações sobre a técnica da psicanálises I)*”, Freud nos mostra a necessidade de rememorar, porque, “O material com que se inicia o tratamento é, em geral, indiferente – a história da vida do paciente, ou a história de sua doença, ou suas lembranças de infância...” (FREUD, 2006, Vol. VII. p. 149).

O rompimento de Freud com o método “*catártico*” utilizado por Josef Breuer, passando para o uso do método analítico da “*associação livre*”, deveu-se a que, no primeiro, desenvolveram juntos a técnica da sugestão hipnótica através da distração,

³ Tendo a sua alma saído do corpo fora ela para um lugar divino aonde estavam os juízes que encaminhavam as almas chegadas para dois caminhos, para o alto do céu ou para o fundo da terra. *Er* por sua vez, não fora julgado e recebeu ordens de ali permanecer até o dia de sua volta. As demais almas que haviam cumprido o seu tempo de retenção também voltariam no corpo de um ancestral. No entanto, após receberem a autorização, ao passarem pelo Rio *Ameles*, “todas as almas foram obrigadas a beber certa quantidade dessa água, mas aquela a quem a reflexão não salvaguarda, bebe mais do que a medida” (PLATÃO, 2010, p. 319, § 621 a-d). *Er* foi impedido de beber água e, ao acordar sobre a pira, lembrou-se de tudo. As demais almas que voltaram com ele deveriam aos poucos lembrar por meio do esforço da rememoração.

do exercício e a provocação dos afetos mais oportunos no indivíduo. No entanto, “Posso asseverar que o método analítico de psicoterapia é o mais penetrante, o que chega mais longe, aquele pelo qual se consegue a transformação mais ampla do doente” (FREUD, 2006, Vol. VII, p. 246). Considerou que havia entre a técnica sugestiva da hipnose e o método analítico da Associação Livre, a maior antítese possível, e ilustrou com a comparação feita por Leonardo Da Vinci, quando relacionou a pintura e a escultura, dizendo que eram, “*per via de porre e per via di levare*”. Se pintura, o pintor colocava sobre a tela incolor partículas coloridas que antes não estavam ali, por sua vez, na arte de esculpir, o escultor retirava da pedra tudo aquilo que deformava a estátua. Freud passou a agir com seu método *per via de levare* e revolucionou a prática psicanalítica.

4 O CONHECIMENTO DA INTERIORIDADE HUMANA

Ao longo de seus estudos aplicados, Freud acumulou resultados, principalmente sobre as histerias e a interpretação dos sonhos. Na carta 52, de 6 de dezembro de 1896, ao amigo Wilhelm Fliss, expôs a hipótese de que, o mecanismo psíquico formou-se por um processo de estratificação da memória em um longo tempo. Declarou que, “... o que há de essencialmente novo a respeito de minha teoria é a tese de que a memória não se faz presente de uma só vez, mas se desdobra de tempos em tempos” (FREUD, 2006, Vol.1. p. 281). Os sucessivos registros feitos na memória representam a realização psíquica de fases sucessivas da vida. É na fronteira entre essas fases psíquicas que as psiconeuroses são passadas para diante e irão criar consequências nos comportamentos.

Na mesma carta, Freud relacionou a estrutura comportamental com os aspectos sexuais ao dizer que:

Assim, um evento sexual de uma dada fase atua sobre a fase seguinte como se fosse um evento e, por conseguinte, não é passível de inibição. O que determina a defesa patológica (recalcamento), portanto, *é a natureza sexual do evento e a sua ocorrência numa fase anterior* (FREUD, 2006, Vol. I. p.284).

A sexualidade para Freud não se identifica com os órgãos genitais e as relações sexuais apenas. Na mesma carta a Fliss, citou pela primeira vez as “zonas erógenas”

e destacou que durante a infância seria possível obter a liberação sexual a partir das diferentes partes do corpo. Para ele as experiências sexuais produzem prazer e desprazer. Na medida em que o prazer não tem nenhuma espécie de inibição constitui uma “compulsão” e, a inibição de desprazer constitui um “recalcamento”. Quando qualquer experiência sexual for recordada em uma fase diferente da vida, significará prazer ou desprazer, devido à relação com a compulsão e o recalcamento anterior. Formam-se assim, aquilo que Freud denominou de “psicoses sexuais”, subdividas em três tipos: histeria, neurose obsessiva e paranóia.

Esses diversos apontamentos indicaram o caminho que Freud percorreria nos anos seguintes, quando, em 1898, no artigo, “*A sexualidade na etiologia das neuroses*” declarou que, “... para fins práticos, mais importantes de todos os casos de doença neurótica são encontradas em fatores emergentes da vida sexual” (FREUD, 2006, Vol. III. p. 251). Esse entendimento orientará o trabalho de análise que não podia apenas deter-se aos episódios contemporâneos, mas, devia retroceder à infância. Tais episódios estão localizados no inconsciente como “restos de lembranças” que precisam voltar à consciência.

Em 1905, Freud expôs, no estudo, “*Três ensaios sobre a sexualidade*”, nos quais detalhou a estrutura da formação da personalidade infantil e, por meio das fases de desenvolvimento revelou aspectos da estrutura comportamental, como possibilidade real do “adulto” conhecer a si mesmo.

Ocupou-se, inicialmente, em atacar a opinião em geral que defendia a ideia de que “a pulsão sexual” estava ausente na infância e apenas manifestava-se no período da puberdade. Essa preocupação fora repetida em 1909, nas “*Cinco lições de Psicanálise*”, quando, na quarta lição, surpreendeu o seu público com a pergunta: “existe uma sexualidade infantil?”; ao que ele mesmo respondeu: “A criança possui, desde o princípio, o instinto e as atividades sexuais” (FREUD, 2006, Vol. XI. p. 53). Como na primeira fase da vida infantil a satisfação é alcançada por todo o corpo, denominou essa fase de *auto-erotismo* e, de maneira mais segura, destacou que, as “zonas erógenas”, são os lugares do corpo que proporciona o prazer sexual. “O prazer de chupar o dedo, o gozo da sucção, é um bom exemplo de tal satisfação auto-erótica partida de uma zona erógena” (FREUD, 2006, Vol. XI. p. 55).

A tese fundamental sobre o assunto era que, se a criança possui instintos sexuais ela também possui atividades sexuais desde os primeiros momentos de vida. Conhecer-se a si mesmo, portanto, passa por esse entendimento, de que não temos

apenas as “fases” do desenvolvimento ontológico biológico geral, de criança, adolescente, jovem e adulto, mas que, no desenvolvimento da infância há diversas fases conhecidas com a ajuda da análise psicanalítica.

As fases do desenvolvimento da estrutura da personalidade infantil em Freud, podemos resumi-las em: “fase oral”, quando a boca se apresenta como a zona erógena e por ela a criança experimenta a libido oral, principalmente pelo ato da amamentação. Conforme Zimmerman (1999), outras zonas corporais cumprem a mesma função que a boca como: o complexo aerodigestivo, gastrointestinal; órgãos de fonação e da linguagem, além da pele, órgãos sensoriais, como olfato, paladar, tato, audição e visão. “A fase oral do desenvolvimento, de modo geral, alude ao primeiro ano de vida” (ZIMERMAN, 1999, p.93); ou seja, esta fase *passivo-receptiva*, dura até o momento em que o bebê tenha condições de agarrar por si só os objetos, passando para a fase oral *ativo-incorporativa*, quando podem surgir as pulsões agressivas, geralmente dirigidas contra a mãe.

Na sequência, o desenvolvimento individual atinge a “fase anal” que, da mesma forma que a fase anterior, não se refere à “libidinização das mucosas excretórias”. “Geralmente, esta etapa é considerada como aquela em que as transformações vão ocorrendo no curso do segundo e terceiro anos” (ZIMERMAN, 1999, p. 93). Zimmerman acrescenta que, nesta fase incluem-se ainda as atividades da aquisição da linguagem, de engatinhar e andar; curiosidade e exploração do mundo exterior; progressivo aprendizado do controle esfinteriano; controle da motricidade e prazer com a atividade muscular; ensaios de individuação e separação, no caso, comer sozinho; o desenvolvimento da linguagem com o domínio de algumas palavras etc. Essa fase pode ser ainda subdividida em “*fase anal expulsiva*”, que significa prazer “*auto-erótico*” de presentear os pais, como também de uma manifestação “*sádico-anal*” e, “*fase retentiva*”, quando há a descoberta de que a mucosa anal pode ser prazerosamente estimulada pela expulsão, mas também pela retenção das fezes.

Na evolução da estrutura comportamental, surge a “fase fálica”, também conhecida como “fase edípica”. Para Freud as crianças de ambos os sexos, em certa idade, põem a existência de genitais masculinos em todas as pessoas e, o indivíduo dirige-se aos pais do sexo oposto dando origem ao “complexo de Édipo”. “O pai em regra tem preferência pela filha, e mãe pelo filho: a criança reage desejando o lugar do pai se é menino, o da mãe se se trata da filha” (FREUD, 2006, Vol. XI, p, 58). Os sentimentos nascido dessas relações com pais e irmãos, não são somente de

natureza positiva, mas também de hostilidade. Por sua vez, suspeitava Freud que o “complexo edípico” era o núcleo central da estruturação de toda e qualquer neurose.

A fase da latência ocorre depois dos seis anos de idade, apresentando-se com duas características. Segundo Zimerman, a primeira leva à repressão da sexualidade infantil, com uma amnésia relativa às experiências anteriores e, a segunda, consiste no fato de que estrutura-se um reforço de aquisição do Ego. Na medida em que as duas características se combinam acontece a “sublimação” das pulsões relacionadas com a escolarização e em atividades esportivas, como também nas aspirações morais, estéticas e sociais, é, no fundo, o período em que se consolida a formação do caráter.

Por fim, temos a fase da puberdade e adolescência que se estrutura como um processo brusco de transformações na anatomia e fisiologia corporal e também genital, como também no aspecto psicológico quando há a busca de uma identidade individual, grupal e social. Em Zimerman encontramos sistematizada a fase da adolescência da seguinte forma, descrita em três níveis de maturação e desenvolvimento: “a puberdade (ou pré-adolescência), no período de 12 a 14 anos, a adolescência propriamente dita (dos 15 aos 17) e, a adolescência tardia (dos 18 aos 21)” (ZIMERMAN, 1999, p. 95).

Nos escritos de 1923, denominados de “*A organização genital infantil (uma interpolação na teoria da sexualidade)*”, Freud citou os “*Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*”, escritos ainda em 1905, nos quais, o eixo principal dos argumentos foi diferenciar a vida sexual das crianças e a dos adultos; o que veio a se confirmar mais tarde quando os estudos puderam reconhecer a ampla aproximação do desfecho da sexualidade infantil, por volta do quinto ano de idade, para a formação definitiva assumida no adulto.

Na época de 1923, Freud já pensava que, “A aproximação da vida sexual da criança à do adulto vai muito além, não se limita unicamente ao surgimento da escolha de um objeto” (2006, Vol. XIX. p. 158). Isso quer dizer que, mesmo não se realizando uma combinação adequada dos instintos parciais sob a primazia dos órgãos genitais, no auge do curso do desenvolvimento da sexualidade infantil, o interesse nos genitais e em sua atividade, adquire uma significação dominante que está muito perto daquela alcançada na maturidade.

Na realidade, Freud já havia antecipado as suas conclusões na carta endereçada ao Dr. M. Fürst em 1907, com o título, “*O esclarecimento sexual das*

crianças”, ao dizer que, o recém-nascido já vem ao mundo com a sexualidade; desenvolvendo-se mais na lactância e na primeira infância, acompanhado das sensações sexuais. “A puberdade apenas concede aos genitais a primazia entre todas as outras zonas e fontes produtoras de prazer, assim forçando o erotismo a colocar-se a serviço da função reprodutora” (FREUD, 2006. Vol. IX p. 125). Por outro lado, muito antes da puberdade, a criança já é capaz de expressar a maior parte das manifestações psíquicas do amor como, a ternura, a dedicação e o ciúme.

No processo de conhecer a si mesmo, vemos que há uma profunda semelhança entre o interesse pela verdade em Sócrates, que testou a qualidade dos próprios conhecimentos em confronto com os sábios de sua época e, Freud, em busca do conhecimento da estrutura comportamental, manteve a sua preocupação com a questão sexual. Para ele o instinto sexual é muito superior ao ato sexual tido como imoral e pecaminoso. Defendeu que, o método habitualmente utilizado na educação não é o correto, porque oculta-se das crianças todo o conhecimento sexual e então, “... em termos pomposos e solenes, a verdade, ou melhor, uma meia verdade, lhes é revelada de uma só vez, em geral demasiado tarde” (2006, Vol. IX. p.128). Por isso, antes que inicie o curso intermediário, por volta dos dez anos, a criança deve ser esclarecida sobre as questões da sexualidade. E dirá ainda mais em 1922, “não posso ver mérito algum em se ter vergonha do sexo...” (FREUD, 2006, Vol. XVIII. p. 102).

De acordo com Freud, pertence à etiologia das neuroses, tudo o que pode atuar prejudicialmente sobre os processos que servem à função sexual, daí derivam, em primeiro lugar, os males que afetam a função sexual, depois vêm toda sorte de outros males e traumas que, através do prejuízo generalizado do organismo, podem prejudicar secundariamente seus processos sexuais.

5 A BUSCA DO PRAZER E O PRINCÍPIO DE REALIDADE

Conhecer-se a si mesmo ainda, exige que reflitamos sobre o curso dos eventos mentais induzidos pelo princípio do prazer que, para Freud agem direcionando a energia ou “descarga pulsional” provocada pelo id. Tal energia se destina a alcançar

a satisfação das necessidades básicas como, comer, beber, sexo etc., que, devido às frustrações ou outras questões circunstanciais, podem não se realizar e, por essas razões, o “princípio da realidade” apresenta-se para equilibrar as energias descarregadas em busca de diminuir o desprazer.

Embora Freud afirmando que, “é incorreto falar em dominância do princípio de prazer sobre o curso dos processos mentais” (2006, Vol.XVIII, p.19), não se pode negar que existe no sistema mental uma “forte tendência” para isso. A relação entre prazer e desprazer nos sentimentos que passam pela mente humana, aproxima-se da divisão psíquica do consciente e o inconsciente, e que, para Freud, constitui a premissa fundamental da psicanálise, área responsável para compreender os processos patológicos. É nesse sentido que a exposição sobre “O ego e o id” de 1923, tem início com a recordação dos estudos desenvolvidos três anos antes, sobre o tema: *“Além do princípio do prazer”*.

Considerando o objeto deste estudo, “Conhece-te a ti mesmo”, compreendemos que, ao conhecermos a composição do sistema psíquico e da estrutura comportamental, ou aquilo que ficou conhecido como “a primeira e a segunda tópica”⁴, o indivíduo torna-se sujeito de suas verdades, enganos, complexos, neuroses, patologias etc., mas, acima de tudo, percebe também que é ele mesmo que “armazena” em si as representações que precisam ser modificadas para serem “superadas”. É fundamental compreender que um “estado de consciência” pode ser transitório, porque é consciente no tempo presente, mas que pode não ser logo depois. As informações latentes podem vir a ser conscientes a qualquer momento, o que pode não ocorrer com as informações contidas no inconsciente e que não vêm a ser conscientes com facilidade, porque, “uma certa força se lhes opõe”. Para “remover” essa força de resistência opositora da ideia que está no estado de “repressão”, o analisando conta com a Psicanálise.

Freud assegura-nos em seu estudo sobre *“O Ego e o Id”* (1923), que o reprimido é para nós, o protótipo do inconsciente. No entanto, para ele, (em sentido descritivo), temos dois tipos de inconsciente: um que é “latente”, capaz de tornar-se consciente e, outro que é “reprimido” e não é em si próprio capaz de tornar-se consciente, mas

⁴ Modelo topográfico. Segundo Zimerman, Freud empregou a palavra “aparelho” para caracterizar uma organização psíquica dividida em sistemas para cada uma delas, interligadas entre si e que ocupam um certo lugar na mente. Em grego “*topos*” significa lugar, sendo assim o “modelo tópico” designa “modelo de lugares”. “Freud descreveu dois deles; a 1ª tópica é conhecida como *Topográfica* e a 2ª como *estrutural* (1999, p. 82).

que, no sentido dinâmico, temos apenas um inconsciente, descrito dessa maneira por ele:

Ao latente, que é inconsciente apenas descritivamente, não no sentido dinâmico, chamamos de pré-consciente, de maneira que temos agora três termos, consciente (Cs), pré-consciente (Pcs) e inconsciente (Ics) cujo sentido não é mais puramente descritivo (FREUD, 2006, Vol. XIX, p. 29).

O entendimento dessa estrutura mental representa muito para quem quer saber como o consciente e o inconsciente se relacionam e, porque, determinadas informações relutam tornarem-se conscientes sem que sejam reabertas feridas produzidas no passado causando desprazer. Mas, há de se pensar como esses sistemas interagem com a estrutura comportamental, o id, o ego e o superego.

A princípio parece simples a lógica da estrutura mental, composta pelas três partes, nas quais circulam ou são reprimidas as informações. Se elas não estão no consciente, devem estar no pré-consciente; não estando ali, certamente estarão no inconsciente. No entanto, Freud interpôs outra conexão que se estende e torna um pouco mais complexa essa relação.

A complexidade na relação entre consciência e realidade, não se dá, portanto, livremente, há uma vigilância por parte do ego que impede que qualquer informação, mesmo sendo consciente, seja comunicada. Para Freud é desse ego que procedem também as repressões e por isso tentamos excluir certas tendências da mente e não somente da consciência. O inconsciente não coincide totalmente com o reprimido, isto porque, tudo o que é reprimido é inconsciente, mas nem tudo o que é inconsciente é reprimido. Sendo assim, em cada indivíduo existe uma organização coerente de processos mentais e, a isso chamamos de “seu ego”. “É a esse ego que a consciência se acha ligada: o ego controla as abordagens à motilidade – isto é, à descarga de excitações para o mundo externo” (FREUD, 2006, Vol. XIX, p. 30). Mas o que significa “tornar algo consciente” quando temos a presença do id que, do ponto de vista funcional representa “o princípio do prazer”, tendo o ego como condutor de suas vontades?

Freud entendeu que “a consciência é a superfície do aparelho mental” e, espacialmente é a primeira a ser atingida. “Todas as percepções que são recebidas

de fora (percepções sensoriais), e de dentro – o que chamamos de sensações e sentimentos – são Cs. desde o início” (FREUD, 2006, Vol. XIX, p. 33). Ou seja, a consciência é gerada pelas percepções que nos vem de fora e de dentro de nossa mente. A diferença que existe entre o inconsciente e o pré-consciente em relação a uma ideia, é que, o primeiro, cauteloso, mantém a ideia desconhecida, enquanto que, o segundo, expõe essa ideia por intermédio de representações verbais. Para que a coisa se torne pré-consciente, precisa de representações verbais que lhes sejam correspondentes.

Para além das relações externas e internas da consciência no sistema perceptivo, Freud se propôs a descrever sobre o ego, situando-o no início do sistema perceptivo que é o seu núcleo, e começa por abranger o pré-consciente que é adjacente aos resíduos mnêmicos. “Mas, como aprendemos, o ego é também inconsciente” (FREUD, 2006, Vol. XIX, p. 37). Nesse sentido o ego também não se acha nitidamente separado do id; a sua parte inferior funde-se com ele.

Segundo Freud (2006, Vol. XIX, p.39), “O ego representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o id, que contém as paixões.” Para explicar essa relação Freud comparou o ego a um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo, “com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com a sua própria força, enquanto que o ego utiliza forças tomadas de empréstimo” (FREUD, 2006, Vol. XIX, p. 39). Ou seja, o ego conduz o id para onde ele quer ir, porém, transforma a vontade do id em sua própria vontade. É nesse sentido que o ego ao relacionar-se com o id procura aplicar a influência do mundo externo, esforçando-se por substituir o “princípio do prazer” predominante no id, pelo “princípio de realidade” para que ele se contenha.

Com isso depreendemos que, para conhecer-nos a nós mesmos, precisamos saber que os mecanismos psíquicos que nos “fazem funcionar”, atuam da seguinte forma: enquanto o consciente, o pré-consciente e o inconsciente, como sistemas perceptivos cuidam do armazenamento das informações, o ego, o superego e o id, como instâncias da estrutura psíquica, ocupam-se de nosso comportamento.

Ao conhecermos que o id está presente em nós desde o nascimento e que ele, como força motriz é responsável pelo prazer e pelas satisfações, mas que, ao agir puramente por instinto precisa ser vigiado pelo ego, percebemos pelo sistema perceptivo quando temos e quando não temos equilíbrio em nossa personalidade. Conhecer-se a si mesmo, é saber então, que o ego opera com base na realidade e se

esforça para satisfazer os desejos do id de forma realista e não desequilibrada. “Sob a influência dos instintos de autopreservação do ego, o princípio de prazer é substituído pelo princípio de realidade” (FREUD, 2006, Vol. XVIII, p. 20).

Portanto, o ego como responsável pelo equilíbrio impede que certas pulsões do id cheguem ao consciente, por isso as reprime, podendo gerar sentimentos diversos, como, culpa, frustração e desprazer que o id não os quer para si e os descarrega no inconsciente. Sabendo disso, o sujeito da análise pode acessar tais frustrações, por meio dos sonhos e das análises psicanalíticas.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante do exposto, vimos que a Filosofia e a Psicanálise possuem afinidade bastante, para juntas descortinarem os enigmas psíquicos. “A filosofia ensina a formular a pergunta, enquanto a psicanálise fornece ao indivíduo pensante as ferramentas para raciocinar...” (NOVAIS, 2017, p. 25). Por sua vez, podemos identificar também afinidades existentes entre os métodos, da “*maieutica*” e da “*associação livre*”, alimentados pelo movimento dialético que coloca o sistema inconsciente em comunicação com o pré-consciente e o consciente, fazendo, por meio da “*rememoração*”, emergir as elaborações. O conhecimento desse sistema, associado ao conhecimento da estrutura comportamental, constituída pelo id, ego e o superego favorecem a busca e realização do princípio, “*Conhece-te a ti mesmo*”.

Pelo que comparamos a teoria elaborada por Freud, poderíamos denominá-la, na ótica filosófica, de “*Filosofia da práxis*”, por tudo o que ela representa em termos de reflexões e ações voltadas para a finalidade da superação dos dilemas humanos. Freud não apenas ofereceu os instrumentos interpretativos, como também desenvolveu o método da “*associação livre*” para enfrentar esses dilemas, corroborando para o que haviam previsto Marx e Engels quando se referiram à concretização do conhecimento que, “os filósofos apenas interpretaram o mundo de diferentes maneiras; o que importa é transformá-lo” (MARX/ENGELS, 2009, p. 535). No caso da psicanálise, a contribuição de Freud é com a transformação do mundo interior de cada ser humano.

Para além dos fundamentos teóricos, Freud, com o método da “associação livre” ensina como proceder no *Setting* analítico como fez no artigo escrito em 1937, ao qual denominou de “*Construções em análise*”. Na ocasião destacou que o trabalho de análise visa induzir o paciente a abandonar as repressões e substituí-las por reações de um tipo que corresponda a uma condição psíquica madura. “Todos nós sabemos que a pessoa que está sendo analisada tem de ser induzida a recordar algo que foi por ela experimentado e reprimido” (FREUD, 2006, Vol. XXIII, p. 276).

Nesse sentido, podemos dizer que Freud, com o método da “associação livre”, contribui para que o indivíduo “conheça-se a si mesmo”, mostrando que o trabalho de análise envolve duas partes: a do analista e o da pessoa que está sendo analisada. Cada parte é responsável por sua tarefa. A do analisando é recordar algo que foi experimentado e reprimido; a do analista, que não experimentou nem reprimiu nada daquele material, cabe a tarefa de completar (construir) aquilo que foi esquecido, a partir dos traços expressos no relato.

A “construção” deve ser compreendida como um processo em que o analista completa um fragmento da construção e oferece ao sujeito da análise, afim de que ele possa utilizá-lo, enquanto o analista prossegue com outra construção. A maturidade invejável de Freud, para qualquer analista, aparece na pergunta instigadora: “... que garantia temos, enquanto trabalhamos as construções, de que não estamos cometendo equívocos e arriscando o êxito do tratamento pela apresentação de alguma construção incorreta?” (FREUD, 2006, Vol. XXIII, p. 279). A resposta, segundo ele, poderia ser dada pela sua experiência analítica, com a qual aprendera que, nenhum dano é causado. Mesmo ocasionalmente cometendo um equívoco, oferecendo ao paciente uma construção errada. É sim um desperdício de tempo e, provavelmente, deixará uma péssima impressão em seu paciente, tendo que encerrar o tratamento. Mas não causa maiores prejuízos porque o paciente continua “intocado”.

Freud, por fim, corrobora com a realização do princípio, “Conhece-te a ti mesmo”, quando compara o trabalho do analista ao do arqueólogo que atua em uma escavação de alguma morada que foi soterrada e virou ruínas; exceto que o analista leva vantagem por “escavar” em algo que ainda está vivo. Mas, no fundo, é preciso localizar os alicerces, as colunas e as paredes. No caso da análise, os fragmentos de lembranças, associações e o comportamento do sujeito da análise. Em ambos os casos, as reconstruções devem ser procedidas pelos “restos” que sobreviveram. Esse tipo de postura aproxima-se do método *maieutico* de Sócrates, cuja semelhança

reside em que, ambos visam “tirar de dentro” do sujeito da análise o que lá está esquecido e tornar consciente. Com essa ajuda, o objetivo do “Conhece-te a ti mesmo”, fica menos assustador e possível de ser alcançado por qualquer analisando.

REFERÊNCIAS

CURY, Fernanda. **Sócrates**. 2 ed. São Paulo: Moderna, 2006.

FREUD, Sigmund. **Publicações pré-psicanalíticas e esboços inéditos**. (1886 – 1889) Vol. I. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____ **Estudos sobre histeria** (1893 – 1895). Obras completas, Vol. II, Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____ **Primeiras publicações psicanalíticas** (1893-1899). Obras completas, Vol. III, Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____ **A interpretação dos sonhos I** (1900) Obras completas, Vol. IV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 2006.

_____ **Um caso de Histeria, três ensaios sobre a sexualidade e outros trabalhos** (1901 -1905) Vol. VII. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.

_____ **“Gradiva” de Jessen e outros trabalhos** (1906-1908) Obras completas, Vol. IX. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.

_____ **Cinco lições de psicanálise, Leonardo da Vinci e outros trabalhos** (1910). Obras completas, Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.

_____ **Além do princípio de prazer, Psicologia de Grupo e outros trabalhos**. Obras completas, Vol. XI. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.

_____ **O caso Shrener, artigos sobre técnica e outros trabalhos** (1911-1913). Obras completas, Vol. XII. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.

_____ **A História do movimento psicanalítico, artigos sobre a metapsicologia e outros trabalhos** (1914-1916). Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.

_____ **Além do princípio de prazer, psicologia de grupo e outros trabalhos** (1920-1922). Obras completas Vol. XVIII, Rio de Janeiro: Imago, 2006.

_____ **O Ego e o Id e outros trabalhos** (1923 – 1925). Vol. XIX, Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.

_____ **Um estudo autobiográfico, inibições, sintomas e ansiedade, análise leiga e outros** (1925-1926). Obras completas, Vol. XX. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.

_____ **O futuro de uma ilusão, o Mal-Estar da civilização e outros trabalhos** (1927-1931). Obras completas, Vol. XXI. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.

_____ **Construções de análises.** In Moisés e monoteísmo, esboço de psicanálise e outros trabalhos (1937-1939). Obras completas, Vol. XXIII. Rio de Janeiro: Imago editora, 2006.

MARX/ENGELS. **A ideologia alemã.** São Paulo: Boitempo, 2009.

NIETZSCHE, Friedrich. **Crepúsculo dos ídolos ou como se filosofa com o martelo.** Petrópolis: Vozes, 2014.

PLATÃO. **Apologia de Sócrates: Banquete.** São Paulo Martin Claret, 2000.

_____ **A República.** São Paulo: 2 ed. Martin Claret, 2010.

_____ **Mênon.** Rio de Janeiro: PUC Rio, Loyola, 2001.

_____ **Teeteto.** www.dominiopublico.gov.br/downloadcd/textocv00068.pdf/Acesso 20/12/2019.

NOVAIS, Gilberto. **Psicanálise da religião: o cristianismo no divã.** São Paulo: Fonte Editorial, 2017.

PESSANHA, José Américo Motta. **Sócrates.** 4 ed. São Paulo: Nova Cultura, 1987.

WEISCHEDEL, Wilhelm. **A escada dos fundos da Filosofia: A vida cotidiana e o pensamento de 34 grandes filósofos.** São Paulo: Editora Angra, 1999.

ZIMERMAN, David E. **Fundamentos psicanalíticos: teoria, técnica e clínica.** Uma abordagem didática. Porto Alegre: Artmed, 1999.